

INSERÇÃO E FANATISMO DA MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO: PERSPECTIVA HISTÓRICA EM DIÁLOGO COM A LOGOTERAPIA

THE INCLUSION AND FANATICISM OF WOMEN IN BRAZILIAN FOOTBALL: A HISTORICAL PERSPECTIVE IN DIALOGUE WITH LOGOTHERAPY

LA INCLUSIÓN Y EL FANATISMO DE LA MUJER EN EL FÚTBOL BRASILEÑO: UNA PERSPECTIVA HISTÓRICA EN DIÁLOGO CON LA LOGOTERAPIA

 Gilvan de Melo Santos¹

 Karen Morganny Silva Nascimento²

 Alecsandra Ferreira Tomaz³

 Kleyton Jorge Canuto⁴

1. Graduado em Psicologia (UEPB) e em Arte e Mídia (UFCG). Doutor em Linguística (UEPB e UPONLD – França). E-mail: gilvanmusic@gmail.com
2. Graduada em Psicologia (UEPB). E-mail: morgannyk@gmail.com
3. Graduada em Fisioterapia (UEPB). Doutora em Medicina do Esporte (U.CATOLICA – Paraguai). E-mail: alecsandra.tomaz@servidor.uepb.edu.br
4. Graduado em Comunicação Social (UEPB). Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). E-mail: kleytonknuto@servidor.uepb.edu.br

RESUMO: Existem vários tipos de fanatismo, entre eles: o fanatismo religioso, o político, o racial e o esportivo. Em relação à prática esportiva, nenhum esporte tem mais excessos que o futebol. No Brasil, conhecido como o “País do Futebol”, sempre se observou o fanatismo futebolístico no universo masculino. Entretanto, o fanatismo feminino tem aumentado, principalmente com a presença das mulheres nos estádios. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo discutir e analisar, através de uma revisão bibliográfica, a inserção e o fanatismo de mulheres no futebol brasileiro. Para o estudo, configurado como um ensaio científico, discute-se o fanatismo esportivo feminino no futebol brasileiro, bem como a inserção deste público, através de um estudo sob a perspectiva histórica, em diálogo com a Logoterapia. Como resultado do estudo, ficou evidente que as mulheres ampliaram seu espaço de torcedoras no futebol brasileiro, com consequente aumento de mulheres fanáticas nos estádios. Na perspectiva da Logoterapia, constatou-se que o fanatismo se insere no quarto sintoma da neurose coletiva, e que esta abordagem psicológica poderá contribuir para a amenização dos sintomas do fanatismo, através da técnica de apelação e da mobilização do processo de autodistanciamento e autotranscendência dos indivíduos.

Palavras-chave: Fanatismo. Mulher. Futebol brasileiro. Logoterapia

ABSTRACT: There are several types of fanaticism, including religious, political, racial, and sports fanaticism. Regarding sports, no sport has more excesses than football. In Brazil, known as the "Country of Football," football fanaticism has always been observed in the male universe. However, female fanaticism has been increasing, mainly due to the presence of women in stadiums. Therefore, this article aims to discuss and analyze, through a literature review, the inclusion and fanaticism of women in Brazilian football. For this study, structured as a scientific essay, an exploratory research method was used to identify female sports fanaticism in Brazilian football, as well as the inclusion of this audience, through a historical perspective, in dialogue with Logotherapy. The study's results showed that women have expanded their presence as fans in Brazilian football, with a consequent increase in the number of female fans in stadiums. From the perspective of Logotherapy, it has been found that fanaticism is included in the fourth symptom of collective neurosis, and that this psychological approach may contribute to alleviating the symptoms of fanaticism through the technique of appeal and the mobilization of the process of self-distancing and self-transcendence of individuals.

Keywords: Fanaticism. Woman. Brazilian football. Logotherapy.

RESUMEN: Existen diversos tipos de fanatismo, incluyendo el religioso, el político, el racial y el deportivo. En cuanto al deporte, ningún deporte tiene más excesos que el fútbol. En Brasil, conocido como el "País del Fútbol", el fanatismo futbolístico siempre se ha observado en el universo masculino. Sin embargo, el fanatismo femenino ha ido en aumento, principalmente debido a la presencia de mujeres en los estadios. Por lo tanto, este artículo busca discutir y analizar, mediante una revisión bibliográfica, la inclusión y el fanatismo de las mujeres en el fútbol brasileño. Para este estudio, estructurado como un ensayo científico, se empleó un método de investigación exploratoria para identificar el fanatismo deportivo femenino en el fútbol brasileño, así como la inclusión de este público, desde una perspectiva histórica, en diálogo con la logoterapia. Los resultados del estudio mostraron que las mujeres han ampliado su presencia como aficionadas en el fútbol brasileño, con el consiguiente aumento del número de aficionadas en los estadios. Desde la perspectiva de la Logoterapia, se ha encontrado que el fanatismo está incluido dentro del cuarto síntoma de la neurosis colectiva, y que este enfoque psicológico puede contribuir a aliviar los síntomas del fanatismo a través de la técnica de la apelación y la movilización del proceso de autodistanciamiento y autotranscendencia de los individuos.

Palabras-clave: Fanatismo. Mujer. fútbol brasileño. Logoterapia.

Recebido em: 04/02/2026

Aprovado em: 23/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário

Introdução

Do latim *fanaticus*, que significa entusiasmado, extático¹, o fanatismo diz respeito a um enaltecimento ou devoção cega de forma firme e vigorosa em relação a alguma coisa ou a alguém, gerando um sentimento de admiração excessiva, produzindo desdém e intolerância a qualquer opinião ou posicionamento que seja diferente daquilo que o fanático acredita como sendo verdade universal (Pinsky; Pinsky, 2008). O termo “fanático” foi mencionado, inicialmente, no século XVIII, para intitular pessoas consideradas extremistas em favor de uma causa de cunho religioso ou político (Pinsky; Pinsky, 2008).

Existem vários tipos de fanatismo, sendo os mais conhecidos o fanatismo religioso, o político, o racial e o esportivo. Em relação à prática esportiva, nenhum esporte tem mais excessos que o futebol. No Brasil, ele é reconhecido como o esporte mais praticado e de maior popularidade há quase um século, levando-o a ser conhecido como o “País do Futebol”. Este esporte é um fenômeno cultural global, sendo visto e jogado em todo o mundo, ultrapassando barreiras sociais, econômicas, políticas e, mais recentemente, de gênero.

Deste modo, concomitante à sua popularidade, cresce também a admiração por este esporte, permitindo assim que sentimentos mais intensos se manifestem. Com isso, são criadas expectativas sobre o objeto do fanático, neste caso, um time de futebol específico, gerando um endeusamento e ocasionando comportamentos considerados irracionais em relação à vivência do indivíduo enquanto torcedor. É comum vermos a propagação do fanatismo futebolístico no universo masculino. Entretanto, o fanatismo feminino tem aumentado, principalmente com a presença das mulheres nos estádios. De acordo com Vieira (2010), observa-se um aumento da presença feminina nos estádios de futebol em todo o país, o que sugere maior liberdade de expressão nesse espaço e a redução dos questionamentos sobre sua participação.

No contexto futebolístico em geral, e principalmente quando se trata do envolvimento mais pessoal com o clube, o público feminino está cada vez mais incluso, sendo possível perceber grupos de torcidas organizadas compostos apenas por mulheres, a exemplo: *Coletivo INTERFeminista*, do Internacional, *Movimento Alvinegras*, do Corinthians, dentre outras. Diante da presença feminina mais assídua nas arquibancadas e no ambiente esportivo relacionado ao futebol de forma geral, percebe-se que existe a necessidade de identificar a relação entre as mulheres e o fanatismo por futebol. Sendo assim, enxergando como o futebol está intrínseco no cenário brasileiro, pelo seu grande impacto cultural e comercial, além do privilégio nos meios de comunicação do país, e percebendo que as mulheres estão cada vez mais incluídas neste universo, enuncia-se o problema neste artigo: como compreender a inserção e o fanatismo das mulheres no cenário do futebol brasileiro, a partir de uma perspectiva histórica e logoterápica?

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo principal discutir e analisar, através de uma revisão da literatura, a inserção e o fanatismo de mulheres no futebol brasileiro. Para tanto, pretende-se apontar a inserção da figura feminina historicamente cada vez mais presente no contexto esportivo, mais especificamente, no futebol; bem como relacionar o envolvimento mais frequente da mulher e o futebol atuais com o fanatismo.

Consideramos este estudo como um ensaio científico e, sendo assim, buscamos discutir e analisar a inserção e o fanatismo das mulheres no futebol brasileiro, com base num referencial teórico sólido, sem, contudo, termos a necessidade de comprovação empírica exaustiva verificada em outros tipos de pesquisa.

¹ Fanatismo. Wikipédia, 2026. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanatismo>. Acesso em 24 de Janeiro de 2026.

Buscamos, como parâmetro metodológico, relacionar o envolvimento mais frequente da mulher com o futebol no cenário atual brasileiro e como o fanatismo se manifesta neste contexto. Para tanto, utilizamos o método de pesquisa exploratória, com a finalidade de identificar o fanatismo esportivo feminino no futebol, bem como a inserção deste público, através de um estudo sob a perspectiva histórica em diálogo com a Logoterapia, partindo de uma revisão bibliográfica composta por autores e estudiosos que pesquisam sobre o tema.

No que se refere à seleção bibliográfica, na perspectiva histórica, a pesquisa foi baseada em estudos de autores, como por exemplo: Pinsky e Pinsky (2008), Wachelke (2008), Passmore (2003), Goellner (2005), Giulianotti (2012), Oliveira *et al.* (2008), entre outros. Na Logoterapia, selecionamos referências do fundador da Logoterapia Viktor Emil Frankl (1978; 1989; 1990; 2005; 2011; 2012; 2014; 2016; 2020) e de autores como Elisabeth Lukas (1989), Arturo Luna Vargas (1996) e Ivo Studart Pereira (2017). Além das referências bibliográficas, foram consultados sites e periódicos científicos relacionados ao tema.

Como critério de busca, para o desenvolvimento deste estudo e aquisição de dados, foram selecionados livros, sites e artigos de forma aleatória, como também nas bases de dados BVS e Google Acadêmico, utilizando as palavras chaves: Futebol, Fanatismo e Mulheres. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos que tiveram como objetivo a correlação entre futebol e comportamento do torcedor, que fossem publicações nacionais, possuísem acesso integral nas plataformas digitais e que apresentassem método e resultados claramente definidos.

A inserção da mulher no futebol: um contexto histórico

Em meados de 776 a.C., na Grécia Antiga, surgiram os primeiros jogos olímpicos (*Panatenéias*), considerados o maior evento esportivo do mundo. A figura feminina era completamente proibida até mesmo como espectadora, tendo como justificativa o fato de que elas não tinham condições físicas para as práticas esportivas, tendo em vista que, para os gregos, os jogos eram relacionados à função de guerrear, atividade à época estritamente censurada às mulheres.²

Com a Idade Média, a mulher passou a participar de atividades esportivas da mesma forma que o homem. Porém, no século XVII, a figura feminina perde seus direitos e novamente sua participação foi retirada das práticas esportivas. Só a partir do século seguinte é que as mulheres conseguem retornar ao cenário esportivo, mesmo que ainda somente na figura de acompanhante de seus maridos em eventos de boxe e corridas de cavalos, por exemplo (Oliveira *et al.*, 2008).

Com o início da era moderna, houve o restabelecimento dos Jogos Olímpicos na Grécia, e a figura feminina precisou continuar suas lutas para conquistar um lugar neste espaço ainda marcado pelo argumento de que a sua presença nas competições esportivas, poderia vulgarizar o ambiente. Assim, os idealizadores do evento enxergavam o local como lugar conveniente apenas para o homem, por estar relacionado à coragem, força e masculinidade (Oliveira *et al.*, 2008).

Mesmo com o impedimento da participação feminina nos primeiros Jogos, uma mulher grega de origem pobre, chamada Stamata Revithi, fez um percurso da maratona, no dia seguinte ao evento, de maneira não oficial, visto que sua participação fora proibida. Embora tenha realizado o deslocamento em cerca de

² Jogos Olímpicos da antiguidade. Wikipédia, 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Ol%C3%ADmpicos_da_Antiguidade. Acesso em 20 de Fevereiro de 2026.

cinco horas e trinta minutos, um tempo menor que alguns homens, ela não foi autorizada a entrar no Estádio Panathinaiko. Este fato foi considerado um estopim para a participação de forma gradual das mulheres nos Jogos Olímpicos.³ Com o passar dos anos, a participação feminina nos jogos foi aumentando gradativamente, desde a primeira edição em 1896 até os dias atuais, conseguindo elas o grande feito de participarem, em maior número que os homens, da próxima Olimpíada na cidade de Los Angeles, em 2028.

Da mesma forma que no âmbito esportivo em geral, para conseguir um espaço dentro do futebol, a mulher precisou ainda lutar por mais conquistas. Assim como os homens, a mulher também teve sua história no futebol. Essa história, porém, não foi de privilégios, de notoriedades, muito menos de reconhecimento, como pode-se observar, comparativamente, em relação à história dos homens neste esporte. Pelo contrário, a mulher precisou sofrer preconceitos morais, religiosos e até políticos para poder ter o seu espaço reconhecido como atleta e como torcedora nos dias atuais.

A inserção da mulher no contexto do esporte aumentou significativamente nas últimas décadas. Desde o seu surgimento na Europa, em 1863, o futebol sempre foi considerado um esporte predominantemente masculino, posto que as mulheres eram associadas ao sexo frágil, colocando-as em uma condição de dependência da figura masculina, na conjuntura de uma sociedade machista e patriarcal. Até então, a figura masculina era vista como o ser que possuía coragem, força e virilidade, enquanto a mulher era vista como a figura que concebia os filhos e se dedicava ao lar e à família. Essa posição feminina imposta pelo padrão social da época, retirava a mulher do espaço futebolístico, visto que era um lugar designado ao homem.

Mesmo assim, em 1894-95, na Inglaterra, foi fundado o *British Ladies Football Team*, considerado o primeiro time de futebol feminino da história. No Brasil de 1958 foi fundado, em Minas Gerais, o primeiro clube de futebol feminino do país: o *Araguari Atlético Clube*. Na década de 1970, a Federação de Futebol Feminino Europeu Independente (FIEFF) organizou uma competição mundial, anos depois esquecida. Finalmente, em 1983, o futebol feminino foi regulamentado no Brasil; em 1991, na China, realizada a primeira Copa do Mundo Oficial, e em 1996 houve a chegada do futebol feminino nas Olimpíadas.⁴ A partir destas inserções, a presença da mulher indo aos estádios, assistindo aos jogos, participando da comissão técnica e direção dos clubes em geral, passou a ser comum, quebrando, portanto, a hegemonia esportiva masculina construída historicamente (Goellner, 2005).

A inserção da mulher no esporte representa uma conquista no reconhecimento e legitimidade de seu espaço na sociedade. Assim como em outros campos sociais, a presença feminina nesse contexto tem sido marcada por lutas e desafios para a afirmação de seus direitos e capacidades. Sendo assim, tem-se observado uma participação feminina cada vez mais expressiva no futebol, seja na condução de programas esportivos, na atuação em torcidas organizadas, na arbitragem ou na prática do futebol propriamente dito, evidenciando um processo contínuo de ampliação e consolidação desse protagonismo.

Sobre esta participação, o papel da mídia tem significativa relevância no contexto do envolvimento das mulheres na cultura do esporte, em especial no futebol. No Brasil, a participação de mulheres na mídia esportiva data do pioneirismo de Maria Helena Rangel na Gazeta Esportiva de 1947 (Ramos, 2010),

³ Stamata Revithi. wikipédia, 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Stamata_Revithi. Acesso em 20 de Fevereiro de 2026.

⁴ PETROBRÁS. A história do futebol feminino: do primeiro time à proibição e o cenário atual. Disponível em: <https://nossaenergia.petrobras.com.br/w/sustentabilidade/a-historia-do-futebol-feminino-do-primeiro-time-a-proibicao-e-o-cenario-atual#:~:text=Na%20Inglaterra%2C%20foi%20fundado%2C%20ent%C3%A3o, reivindicar%20os%20direitos%20das%20mulheres>. Acesso em 22 de fevereiro de 2026.

seguindo por outras pioneiras como Mary Zilda Sereno e Regiani Ritter no jornalismo impresso. Na televisão, só em meados nos anos 1980, tivemos a inserção de apresentadoras de bancadas nos programas esportivos, a exemplo de Soninha Francine, Mylena Ciribelli e Cleo Brandão, que atuavam como âncoras nos programas diários e dominicais, além do papel de Isabela Scalabrini nas reportagens, Luciana Mariano como primeira narradora, exclusiva apenas em narrações de futebol feminino.

Com o passar dos anos, tivemos a inserção das repórteres de campo, setoristas e funções de produção, geralmente relegadas ao esporte olímpico (Coelho, 2003). Ainda que majoritariamente voltadas para o atendimento do público masculino, nos anos 2000 ocorre a inserção de modelos atuando como comentaristas de mesa redonda, fazendo a mediação da banca de comentarista com um novo público, o da internet. É neste contexto que surgem nomes como Renata Fan, Franciely Freduzeski, dentre outras.

No século XXI, fatores como a ascensão das Tv's pagas – e sua diversificação na grade de programação - e a dinâmica de conteúdo esportivo, aliada ao crescimento dos debates de gênero e representatividade e o relativo sucesso da seleção feminina de futebol, permitiu uma participação mais efetiva das mulheres à frente dos programas esportivos em toda sua cadeia de produção. Porém, apenas em 2014, com Renata Silveira, que tivemos uma primeira narradora em cadeia nacional, pela Rádio Globo, sendo ela a pioneira como narradora em uma copa do mundo em canais fechados e abertos (SporTV e Rede Globo), em 2018 e 2022, respectivamente (Malta *et al.*, 2024). Juntamente com a comentarista Ana Thaís Matos e Renata Ruel (comentarista de arbitragem), elas, para além de um espaço de representação feminina no futebol, conduziram uma abertura de campo de afirmação social e cultural não apenas de outras jornalistas esportivas, mas de mulheres em geral que incorporaram o futebol à sua rotina, ao seu cotidiano e vivência.

A ligação da mulher com o futebol se fortalece e começa a se mostrar em vários outros momentos, onde elas conseguem se sentir na liberdade de não apenas serem responsáveis pela casa e filhos, mas de se envolverem em assuntos esportivos em geral, além de se fazerem presentes de forma mais assídua nos estádios enquanto torcedoras. Para Santana e Silva (2015), a inserção da mulher no contexto esportivo é importante, pois remete à visibilidade e reconhecimento da mesma em todas as instituições sociais, sendo possível, assim, uma quebra do conceito de que mulher e futebol não se misturariam, pelo simples fato de o futebol ser “coisa de homem”.

Porém, pelo fato de ainda não haver um equilíbrio numérico de envolvimento geral no futebol entre homens e mulheres, a mulher ainda é vista como sujeito que não possui lugar de fala quando se refere ao “esporte das multidões”. Após anos de dominação masculina no espaço do futebol, hoje a mulher ainda precisa ir contra uma rotulação imposta desde os primórdios da sociedade, onde para ocupar um lugar diferente daquele que sempre lhe foi imposto, é necessário ir contra todos os rótulos e ideias que ainda insistem em se perpetuar.

A luta por um espaço em todo e qualquer âmbito social sempre foi mais difícil para a mulher. Não diferente dentro do futebol, o machismo ainda consegue bloquear a autenticidade da figura feminina enquanto torcedora, invalidando que uma mulher considere o futebol como parte de sua vivência. Da mesma forma, assimilando a ideia de que é natural para o homem crescer dentro desse território, alguns são, por vezes, pressionados a possuir essa conexão com o esporte mesmo sem ter de fato essa apreciação dentro de si.

O fanatismo esportivo feminino no futebol

O fanatismo pode ser caracterizado como a relação disfuncional de um indivíduo com uma instituição, ideologia, crença ou um conjunto de posicionamentos. Passmore (2003) sugere que o fanatismo é considerado um fenômeno psicossocial que se evidencia em diversos campos, como política, religião, e no contexto esportivo. O fanático tem dificuldade em aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que se apresenta como sendo o seu objeto de devoção.

Giulianotti (2012) afirma que um torcedor considerado fanático investe de forma pessoal e emocional no time que torce. Esse investimento pode se dar com a compra de ações ou de produtos caros da marca do clube, ou até o deslocamento do seu local de origem para acompanhar o time em outros estados, e até países, de forma que esse comportamento pode demonstrar uma solidariedade com a intenção de oferecer além da dedicação afetiva, um apoio financeiro ao time que se identifica.

Alguns filósofos como Locke, Hume, Shaftesbury, associaram o fanatismo a características no comportamento consideradas disfuncionais, como um compromisso irrevogável em relação a um ideal de forma irracional e o devotamento absoluto a alguma ideologia (Katsafanas, 2018 *apud* Conde, 2019, p. 169).

Visto que o fanatismo é um fenômeno psicossocial que faz com que o indivíduo se envolva de forma disfuncional em relação a alguma instituição ou ideologia, no futebol, esse envolvimento se manifesta na relação entre o torcedor e o objeto de admiração excessiva, nesse caso o clube que aprendeu a apreciar. Esse fenômeno pode estar relacionado a fatores intrínsecos ao sujeito, ou à necessidade do mesmo em fazer parte de grupos (Damo, 2006; Toledo, 2010).

Esse envolvimento dos torcedores com os times de futebol atinge níveis altos de participação e fusão do coletivo (Carvalho *et al.*, 2012). Sendo assim, é possível ponderar que com a inserção da mulher no contexto esportivo, esse fenômeno de apreciação exacerbado que é o fanatismo, reverbere em sentimentos e comportamentos semelhantes àqueles vivenciados pelo gênero masculino.

Para Wachelke (2008), o fanatismo esportivo é um fenômeno social que faz com que o indivíduo possua um alto nível de identificação com o seu time, ocasionando manifestações emocionais intensas, fato este evidenciado pela grande quantidade de segurança investida em dias de jogos de futebol entre times rivais, a fim de minimizar investidas de violência dentro e fora dos estádios e atos de enaltecimento, movidos pela paixão deste tipo de torcedor.

Segundo Vargas (1996), um fanático tem a mente coletivista, ou seja, ignora sua própria personalidade e se deixa influenciar pela massa; isso poderia explicar a quantidade exorbitante de torcedores que lotam os estádios em dias de jogos, ou viajam para longe para acompanhar o clube, deixando para trás prioridades que para um não fanático seriam consideradas atividades mais importantes a se dedicar.

Culturalmente, como já dito, é comum que o futebol seja uma realidade vivenciada por homens. Esse contexto contribui para que a evidência do fanatismo seja mais expressada pelo público masculino. Para Bandeira e Ramos (2020), torcedores mais jovens, com menor nível de escolaridade e renda, apresentaram maiores níveis de fanatismo. Esse fenômeno caracteriza-se por uma forte identificação entre torcedor e equipe, de modo que ambos passam a constituir uma identidade única, na qual os acontecimentos relacionados ao time repercutem diretamente no indivíduo.

Conforme já visto, historicamente, o espaço do futebol nunca fora adequado à figura feminina, devido à rotulação de formosura e brandura que sempre a acompanhou no tempo. Porém, quando a mulher passa a fazer parte desse ambiente, provocando uma quebra do paradigma, é possível prever que as sensações e sentimentos de torcer por um time de futebol, sejam influenciadas por forças inconscientes e coletivas, tais e quais semelhantes ao que acontece em relação ao gênero masculino (Bouas e Arrow, 1995).

Sendo assim, com o espaço do futebol ampliado à participação de mulheres, a maneira de sentir e viver o esporte provocou mudanças paradoxais. O homem, visto como figura “viril”, passou a expressar

seus sentimentos; a mulher, vista como “sexo frágil” passou a demonstrar maior racionalidade nas análises de vitórias e derrotas de seus times. Em ambas as manifestações, o fanatismo aparece como característica básica. Com o fanatismo, o envolvimento feminino neste meio levou a mulher, semelhante aos homens, a expressões de agressividade e espírito de combate, características estas comuns ao futebol, mas incompatíveis com a demonstração exteriorizada nas mulheres (Ballaryni, 1940).

Assim como na prática do futebol em campo, nas arquibancadas não é diferente. O espaço que desde a sua origem era visto como predominantemente masculino, teve suas evoluções em equilíbrio de gêneros, apesar de ainda não haver uma igualdade neste sentido. No Brasil, não houve uma popularidade tão significativa do futebol feminino quanto na Europa, porém, desde o desenvolvimento deste esporte nos seus primeiros anos, as mulheres torcedoras eram vistas nas arquibancadas com o objetivo de acompanhar os seus pares nos jogos, como bem descreveu o jornalista Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro* (1964, p.23), em relato de Franzini (2005, p. 318):

Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição [...]. No intervalo, o campo e a arquibancada tornavam-se uma coisa só. Jogadores e torcedores no bar. Jogadores e torcedores nas arquibancadas. Os jogadores gostavam de aparecer um instante, suados, cansados, na arquibancada, para cumprimentar as moças. Não se demoravam muito, vinham e iam, as travas das chuteiras rangendo no cimento.

Com já foi exposto neste artigo, com o passar dos anos, a presença das mulheres se expandiu das arquibancadas para dentro dos campos. Assim, como em outros âmbitos, esse lugar precisou ser conquistado através de muita luta, visto que o machismo e o moralismo dominantes pregavam que as mulheres estavam abandonando as suas funções naturais de mães e donas de casa para fazer parte de um espaço que pertencia à figura masculina. A partir deste momento, a mulher passou a não apenas acompanhar os seus maridos nos jogos, mas a estar nos estádios de futebol por ser possível que a disposição em pertencer a este espaço se daria por interesse em realmente assistir aos jogos enquanto torcedora que compreende a partida em suas percepções técnicas e métodos do futebol em si, além de ter apreço verídico e veemente pelo time que joga, como uma “boa fanática” (Franzini, 2005).

O fanatismo esportivo sob a perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial

A Logoterapia e Análise Existencial foram criadas por Viktor Emil Frankl (1905 – 1997), neurologista e psiquiatra nascido em Viena, Áustria. Para ele, a Análise Existencial equivale à sua visão antropológica, enquanto a Logoterapia refere-se à abordagem psicoterápica que compreende o ser humano a partir não apenas de uma visão biopsicossocial, mas somando-se a isto, sobretudo a partir da existência

da dimensão noética ou espiritual⁵ (Frankl, 2012). Diferente da dimensão somática, que coordena os fenômenos corporais da pessoa: “fundamento celular orgânico”, “estrutura vital fisiológica” e “processos químicos e físicos”; também diferente da dimensão psíquica, espaço das “disposições, sensações, impulsos,

⁵ A palavra noética é derivada do grego *nous*, que significa “espírito”. Cf: LUKAS, E. Logoterapia: a força desafiadora do espírito – Métodos de Logoterapia. Santos – SP: Editora Leopoldianum, 1989, p. 29.

instintos, esperanças, desejos, aspirações, talentos intelectuais, padrões de comportamento e costumes sociais”, na dimensão noética “localiza-se a tomada de posição, livre, em face das condições corporais e de existência psíquica, também as decisões pessoais da vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, pensamento criativo, religiosidade, senso ético (“consciência moral”) e compreensão do valor” (Lukas, 1989, p. 28-29, grifos da autora).

Na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial, o ser humano não é motivado primordialmente por seus instintos, nem pelo poder fomentado socialmente, mas pela vontade de sentido, universalizado na vivência de valores, tornando-se livre e responsável para tomar decisões que irão direcionar a sua vida (Frankl, 1989). Quando este mesmo indivíduo desconsidera a liberdade de fazer escolhas e a responsabilidade em vivenciá-las, aí pode se manifestar o vazio existencial (Frankl, 1989). Frankl entende o vazio existencial como um fenômeno existencial provocado pela ausência momentânea de sentido, gerado pela afetação da dimensão noética, o que ele denomina de neurose noogênica (Frankl, 2005). Em se tratando dos valores, Frankl (2011, p. 74) os trata como “universais de sentido”, e acrescenta: “O ser humano é impulsionado por instintos, mas é refreado por valores, estando sempre livre para aceitar ou rejeitar um valor que se oferece em cada situação.” (Frankl, 2011, p. 75).

Para Frankl (1990; 2016), cada época tem a sua própria neurose, e, contrariando Freud, que compreendia a problemática sexual como o principal problema do século XX, para ele a falta de sentido ocupava o primeiro plano, podendo ocasionar neuroses pessoais ou, por serem tão comuns, neuroses coletivas. Em *Teoria e Terapia das Neuroses* e em *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*, Frankl (1978, p. 225-226; 2016, p. 168-169) dividiu a neurose coletiva em quatro sintomas: “atitude provisória diante da vida, atitude fatalista perante a vida, pensamento coletivista e fanatismo”.

A *atitude provisória diante da vida*, também conhecida como *efemeridade*, refere-se a um modo de vida imediatista, ou seja, uma existência caracterizada pela incerteza do amanhã. O indivíduo fixa seus empenhos no presente, sem perspectiva alguma de um futuro. Frankl (1978) compreende esta vivência como uma forma de abrir espaço para um ser dominado por seus instintos. Com isso, o sujeito se apega ao sentimento de que não vale a pena ter responsabilidade pela própria vida.

A *atitude fatalista perante a vida* ou o *fatalismo* também se refere a um meio de negação da responsabilidade onde o indivíduo tem a convicção de que o seu destino já foi traçado por uma espécie de poder que o isenta de ser livre e responsável. Assim, não importa o que seja feito, suas atitudes sempre serão movidas por “reflexos, um aparelho psíquico, ou um produto do sangue e da terra, da hereditariedade e do meio ambiente; em qualquer dos casos, uma criatura irresponsável e sem liberdade” (Frankl, 1978, p. 225).

O *pensamento coletivista* ou o *coletivismo* faz com que o indivíduo se veja desobrigado de suas responsabilidades pessoais, não sendo mais movido por suas próprias decisões e escolhas individuais, pois, o fato de estar submerso em uma coletividade, isenta-o desta demanda (Pereira, 2017). Para Frankl (1978, p. 228), “a sensação coletivista da vida, tem seu equivalente na esquizofrenia catatônica, na qual se esgotam

todas as iniciativas e todos os interesses [...] também obriga a pessoa a renunciar a qualquer iniciativa, qualquer interesse e a se nivelar aos demais.”

Sobre o *fanatismo*, categoria central deste artigo, Frankl (1990) destaca a intolerância em relação a pensamentos opostos ao que o indivíduo fanático considera, sendo prevaletente sempre a sua verdade, por conseguinte apropriada de modo prévio por contágio de influências ideológicas. Desta forma, o fanático se apega à sua opinião e a toma como verdade indiscutível, fazendo com que o mesmo seja capaz de fazer o que quer que seja para atingir o seu objetivo, sem se abrir a outras possibilidades, e vivendo apenas em função do seu propósito.

O *fanatismo*, como o quarto sintoma da neurose coletiva ou neurose de massa, representa um escape da liberdade, e consequentemente da responsabilidade (Frankl, 2020). Desta forma, pode-se considerar o fanático como um indivíduo imbuído de um vazio existencial. No esporte, podemos enxergar um comportamento fanático quando o mesmo entende que qualquer pessoa que não compartilhe da mesma visão, “merece compaixão”, pois não entende o que é a “verdade”. Como exemplo, para o fanático é digno de “compaixão” alguém que não torce pelo mesmo time que o seu, ou mesmo quando não está disposto a abrir mão do seu tempo ou de situações importantes da sua vida para se dedicar ao clube que se designou torcedor. Se mergulhado nesta visão construída sobre si mesmo, o fanático ou fanática muitas vezes não consegue enxergar a necessidade de mudar a sua visão de si e do outro, portanto, incapaz de dialogar com o diferente. Frankl (1978, p. 226) acrescenta que o fanático “desconhece a personalidade do outro, daquele que não pensa igual a ele.”

Se o equivalente ao coletivismo é a esquizofrenia catatônica, para Frankl (1978, p. 228), “o equivalente ao fanatismo é a paranoia. O fanático não apenas lembra o paranóico [sic] - com suas ideias maníacas de grandeza, de perseguição e de conspiração - mas às vezes é realmente um paranoico [sic] na medida em que padece de ideias de supervalorização.”

Diante disto, quais seriam as possíveis contribuições da Logoterapia para amenizar os sintomas do fanatismo?

A Logoterapia seria eficaz no auxílio ao fanático ou fanática levando-o (a) a um processo de *autodistanciamento*, conceito proposto por Frankl, que se refere à capacidade especificamente humana de distanciar-se de si próprio (Frankl, 1989), neste caso, da sua paixão fanática, permitindo que seja visto de outro lugar o quão danoso e autocentrado pode ser o seu sentimento. Assim, a Logoterapia pode possibilitar que este indivíduo compreenda que é possível através do *antagonismo psicoonético* ou *noopsíquico* (capacidade de resistência do espírito em relação às restrições ou doenças biopsíquicas), não ceder ao impulso fanático e ao que ele evoca, mas transformar o seu lugar enquanto torcedor, tomando cada jogo como um momento existencial a ser vivido e experienciado. Para Lukas (1989, p. 33), “o antagonismo noopsíquico é facultativo: ele é sempre só possibilidade, pura potencialidade - mas uma potencialidade para a qual sempre se poderá apelar.”

A *técnica da apelação* provoca um movimento de autodistanciamento através da dimensão noética, que poderá fazer com que o fanático ou fanática aja em oposição às suas estruturas biopsíquicas e seus movimentos impulsivos. Lukas (1989, p. 33, grifos da autora) acrescenta: “Trata-se sempre de apelar para a “força desafiadora do espírito” [...] contra a aparentemente poderosa condição psicofísica.

Através da perspectiva da Logoterapia, é possível também provocar uma abertura do (da) fanático (da) em direção ao outro, processo conhecido como *autotranscendência*, na qual o ser humano está sempre voltado para o que está fora de si mesmo (Frankl, 1989; 2014). Na Análise Existencial, o homem e a mulher

não são vistos como um “sistema fechado”, contrariamente à visão antropológica de teorias motivacionais baseadas no “princípio da homeostase” (Frankl, 2011, p. 45).

Criticando estas visões mecanicistas e homeostáticas, Frankl (2011, p. 45) acrescenta: “De acordo com elas [teorias motivacionais baseadas no princípio da homeostase], o homem [sic] está, basicamente, preocupado com a manutenção de um equilíbrio interno, o que implica uma necessidade de redução de tensões.” Ora, o que procura a maioria dos fanáticos e fanáticas, senão reduzir as tensões do estresse diário numa partida de futebol?

Ao contrário, citando Charlotte Bühler, Frankl (2011, p. 47, grifos do autor) afirma, categoricamente: “a autora [Charlotte Bühler] afirma que se deve “conceber o homem [sic] como portador

de intencionalidade, o que significa viver com propósitos. E seu propósito é dotar a vida de sentido. O indivíduo...quer realizar valores””. Neste aspecto, só tem uma saída para os fanáticos e fanáticas: torcer pelo seu time como um ato vivencial, um ato de abertura, que recebe do mundo uma possibilidade de encontrar sentido, ao contrário do ato fanático de desumanizar o próximo, tratando-o como um inimigo passível de aniquilação. Aqui vale a máxima: “adversários sim, inimigos nunca”.

Em suma, a Logoterapia e a Análise Existencial poderão contribuir para que o portador do fanatismo reconheça as diferenças e escolhas alheias, enxergando o outro torcedor como pessoa humana que vivencia de outra forma, com outro time, semelhantes experiências de alegria e sofrimento em relação ao seu processo de torcedor. Assim, tanto a abordagem Logoterapia quanto a sua visão antropológica, podem auxiliar o (a) fanático (a) a lidar com estes sentimentos construídos na vitória ou na derrota do time, levando-o (a) a vivenciar o valor atitudinal, que consiste nas atitudes tomadas diante de um sofrimento inevitável, encontrando nestas adversidades uma motivação para continuar vivendo (Frankl, 2014).

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente artigo buscou trazer uma discussão e algumas análises acerca do fanatismo feminino no futebol brasileiro. Apresentou também a inserção da mulher no contexto esportivo, mais especificamente dentro do futebol através de uma contextualização histórica. No que se refere à Logoterapia e Análise Existencial, além de apresentar o que pensa esta abordagem psicológica e esta visão antropológica, também apresentou algumas das suas contribuições, visando amenizar o fanatismo, enquanto um dos sintomas da neurose coletiva.

Sobre a inserção feminina no futebol (com discussão limitada à sua condição de torcedoras, e não como jogadoras), ficou evidente que as mulheres ampliaram seu espaço de torcedoras no futebol brasileiro, através de muitas lutas contra preconceitos e ideologias machistas, presentes ainda na atualidade. Em relação ao fanatismo feminino no futebol, também ficou evidente o aumento de mulheres fanáticas nos estádios.

Sob a perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial, constatou-se que o fanatismo se insere no quarto sintoma da neurose coletiva, fazendo com que o fanático ou fanática seja voltado (a) apenas para seu sintoma e não enxergue o outro em sua singularidade. Neste sentido, a Logoterapia enquanto abordagem psicoterápica, e a Análise Existencial, enquanto visão antropológica, poderão contribuir para a amenização dos sintomas do fanatismo, através da técnica de apelação, capaz de aumentar o processo de autodistanciamento e autotranscendência do indivíduo, através do antagonismo psiconoético ou noopsíquico, mobilizado pela dimensão noética.

Ao realizar pesquisas relevantes sobre o tema em questão com o objetivo de buscar informações de estudos e explorações já existentes, foi possível observar restrições sobre o assunto, visto que as explorações mais comuns são sempre referentes ao público masculino. Apesar da limitação em estabelecer estudos que pudessem ser considerados na construção do artigo, o objetivo geral do estudo de discutir e analisar, através de uma revisão da literatura, a inserção e o fanatismo de mulheres no futebol brasileiro, foi alcançado.

Entretanto, dada a limitação de estudos ensaísticos de cunho bibliográfico, compreende-se como necessária a realização de novas pesquisas empíricas com a temática do fanatismo esportivo no público feminino, na busca por compreender, de forma mais aprofundada, como essas manifestações fanáticas se revelaram ou como foram construídas ao longo do tempo.

Referências

BALLARYNI, Humberto. Por que a mulher não deve praticar o futebol. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, v.49, p.34-41, 1940.

BANDEIRA, Vivian de Freitas; RAMOS, Denise Gimenez. Aspectos sociodemográficos relacionados à agressividade e ao fanatismo em uma torcida de futebol. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 29, n. 1, p. 246-272, 2020.

BOUAS, Kelly. S.; ARROW, Holly. The development of group identity in computer and faceto- face groups with membership change. **Computer supported cooperative work (CSCW)**, v. 4, n. 2-3, p. 153-178, 1995.

CARVALHO, Soraya Lida de *et al.* Notas sobre a atração do esporte - uma leitura sociológica. **Educação Física Em Revista**, v. 6, n. 1, 2012.

CONDE, Erick Francisco Quintas; CORIOLANO, Alina Mira Maria. O Fanatismo no contexto do esporte. *In:* RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira. **Psicologia Social do Esporte**, 2019, p. 169-182.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.

FANATISMO. Wikipédia, 2026. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanatismo>. Acesso em 24 de Janeiro de 2026.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Trad. Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida**: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Trad. Alípio Maia de Castro. São Paulo – SP: Ed: Quadrante, 1989.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Trad. Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis - RJ: Vozes. 1990.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida - SP: Ideias e Letras. 2005.

FRANKL, Viktor Emil. **A Vontade de Sentido**: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial**: textos de seis décadas. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de Sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis – RJ; Ed: Sinodal, 2014.

FRANKL, Viktor Emil. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e análise existencial. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, p. 315-328, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, p. 1-35, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

JOGOS Olímpicos da antiguidade. Wikipédia, 2026. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Ol%C3%ADmpicos_da_Antiguidade. Acesso em 20 de Fevereiro de 2026.

LUKAS, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito** – Métodos de Logoterapia. Santos – SP: Editora Leopoldianum, 1989.

VARGAS, José Arturo Luna. **Logoterapia**: Un enfoque humanista existencial. Bogotá, D.C.: San Pablo, 1996.

MALTA, Renata. B., ALFARO DE ARAÚJO, Érika,; AMADO, Aianne. Mulheres no jornalismo esportivo: impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar. **E-Compós**, v. 27, p. 1-23, 2024.

OLIVEIRA, Gilberto *et al.* **A inserção histórica da mulher no esporte**. Revista brasileira de ciência e movimento, v. 16, n. 2, publicação contínua, p. 117-125, 2008.

PASSMORE, John. Fanaticism, toleration and philosophy. **Journal of Political Philosophy**, v. 11, n. 2, p. 211-222, 2003.

PEREIRA, Ivo Studart. O Pensamento Político de Viktor E. Frankl. **Revista Logos e Existência**, v. 6, n. 2, p. 125-136, 2017.

PETROBRÁS. **A história do futebol feminino: do primeiro time à proibição e o cenário atual.**

Disponível em: <https://nossaenergia.petrobras.com.br/w/sustentabilidade/a-historia-do-futebol-feminino-do-primeiro-time-a-proibicao-e-o-cenario-atual#:~:text=Na%20Inglaterra%2C%20foi%20fundado%2C%20ent%C3%A3o,reivindicar%20os%20direitos%20das%20mulheres>. Acesso em 22 de fevereiro de 2026.

PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. **Faces do fanatismo**. Editora Contexto, 2008.

RAMOS, R. H. P. **Mulheres jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RODRIGUES FILHO, M. O Negro no Futebol Brasileiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.23-4, *In*: FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, p. 315- 328, 2005.

SANTANA, Daiane de Oliveira; SILVA, Grasiela de Oliveira de Santana. O papel da mulher dentro do contexto esportivo: Uma análise a partir do futebol. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 8, n. 8, 2015.

STAMATA REVITHI. Wikipédia, 2026. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Stamata_Revithi. Acesso em 20 de Fevereiro de 2026.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-189, 2010.

VIEIRA, Valdo. **Sentidos que norteiam a participação das torcedoras nos estádios de futebol**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Tese de Doutorado.

WACHELKE, João F. R.; ANDRADE, Alexsandro L. de; TAVARES, Lorine; NEVES, João R. L. L. Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 1, p. 96-111, 2008.